

# Linguagem em Freire: uma poética do ser

The language in Freire: a poetics of the being

*Felipe Gustsack\**  
*Vanessa dos Santos\*\**

## *Resumo*

Neste estudo discutimos algumas das tramas que revelam a produção do sujeito no texto freireano, aproximando-o de uma abordagem pragmática e, ao mesmo tempo, da análise do discurso. Nossas análises mostram que a linguagem em Paulo Freire não pode ser vista superficialmente como síntese da problematização das relações do homem consigo mesmo e com o mundo, uma vez que não se esgota como um “tipo padronizado”, estático “de resposta” ou sentido. Ao contrário, percebemos que na dialética proposta pelo diálogo freireano atualiza-se o ser que vive na linguagem. O ser não se faz único, tampouco, unificado; surge, antes, como um novo desafio a si mesmo, um “problema” em permanente invenção.

*Palavras-chave:* linguagem, discurso, sujeito, invenção, diálogo.

Sempre sobre as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente”.

Authier-Révuz

\* Doutor em Educação pelo PPGEDU-UFRGS, professor no Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc/RS/Brasil. E-mail: fegus@unisc.br.

\*\* Bolsista de Iniciação Científica, vinculada ao Projeto de Pesquisa: Estudo das transformações da linguagem com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação entre jovens estudantes e suas repercussões na escola e na família, graduanda em Letras Português - Inglês. E-mail: vasantos1166@yahoo.com.br.

## A assunção da palavra

Paulo Freire é um dos poucos pensadores que defende e assume em seus textos escritos uma atitude de valorização das funções sociais da linguagem. A palavra, em seus textos, é uma verdade consubstanciada pela vivência – “encarnada”, como costumava dizer. Esse compromisso freireano com o respeito às funções e aos sentidos sociais da palavra deve-se, entre outras razões, à sua profunda vinculação com a cultura dos povos com quem trabalhou e pôde dialogar. Exemplos dessa atitude compromissada com os homens e com suas maneiras de se dizerem e dizerem o mundo são numerosos e perpassam toda a sua obra, desde as “primeiras palavras”. Neste ensaio inicial, dedicado “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem” (2002, p. 23), Paulo destaca a importância da ancoragem entre as elaborações intelectuais, construídas com base em leituras, e a concretude da vida.

Freire não trabalha, por isso mesmo, com uma linguagem em seu sentido rígido, dicionarizado. A palavra com a qual diz o mundo é assumida desde suas raízes e está carregada da vida e do seu constante movimento transformador. Suas afirmações, ao expressarem “reações de proletários, camponeses ou urbanos, de homens de classe média”, ou de intelectuais de renome internacional como Hegel, são resultado das observações realizadas em seu trabalho educativo e permanecem abertas à intenção de “retificar ou

ratificar” (p. 24-25) em estudos posteriores os seus sentidos.

Por esse viés, o texto freireano vai adentrar o campo da educação como um dispositivo potencializador de múltiplos diálogos. Desde o recorte da linguagem é que se visualiza em seu discurso a caracterização da educação que ele defende – uma pedagogia libertadora – e aquela cuja disseminação contesta: a prática bancária da educação. Segundo seu pensamento, essa educação se constitui a partir do tipo de relações que educadores e educadoras conseguem estabelecer com seus educandos e parceiros. No mais das vezes tais relações se estabelecem na ótica das narrativas: o conteúdo é narrado pelo educador para o educando, mantendo este último na posição de ouvinte, paciente. “Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável, é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração” (2002, p. 57).

Essa perspectiva se opõe, pois, à defesa freireana da “assunção da palavra” pelo sujeito. A assunção da palavra, na medida em que propõe uma atitude reflexiva, que leva as pessoas ao ato de pensar, possibilita o exercício do re-criar a partir de suas próprias ações. Quando critica a fragmentação dos conteúdos e, assim, da realidade nas práticas escolares, Freire está reafirmando sua posição quanto à necessidade de se vivenciar a linguagem em busca de um significado mais amplo – é preciso encarná-la.

Encarnar, no sentido de assumir – dizer – a própria palavra, remete a linguagem humana ao *status* de templo – lugar de re-criação, de vínculo com o cosmos de onde emana a vida. Encarnar, assumir a própria palavra, para Freire, é dar cor de carne, é colorir de vida a palavra. E, aqui, a poesia: uma poética do ser. Uma poética do sujeito mergulhado na vida. Nas palavras de Manuel Bandeira (2001, p. 150), uma

#### NOVA POÉTICA

Vou lançar a teoria do poeta sórdido. Poeta sórdido: Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida. Vai um sujeito, Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó de uma nódoa de lama: É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim: Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho. Mas este fica para as meninhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade.

O sentido da expressão “encarnada” vai aparecer no discurso de vários estudiosos nos campos da educação e da linguagem ao longo dos tempos. Um exemplo mais recente é o caso da professora portuguesa Clara Costa Oliveira, que se utiliza do termo “encorporado” ao explicar a importância que tem para os sujeitos a vivência de uma língua e da cultura em que está inserida para a compreensão profunda de sua semântica:

Não se fazem boas traduções porque se sabem apenas as regras gramaticais e a sinonímia de uma língua diferente; o bom tradutor é aquele que consegue compreender e utilizar o uso idiomático de uma linguagem: isso, como todos sabemos por experiência, não se aprende porque alguém nos ensinou; isso aprende-se quando vivemos e atuamos numa comunidade lingüística (1999, p. 296).

A palavra, para Freire, só tem uma completude significativa quando ancorada num sentido social, dialógico. Na verdade, o sentido das palavras se constrói a partir do seu uso habitual, por meio das interações entre os sujeitos falantes de uma determinada língua. Dessa maneira, o diálogo se constitui como tal quando, de forma inconsciente, o sujeito se percebe como produtor de enunciados polissêmicos – polifônicos – e aceita o discurso do outro como tal. Acerca disso, Bakhtin (1975) já afirmava que “a palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com sua orientação semântica e expressiva” (1975, p. 100).

## Sujeitos e ideologias no temp(l)o da linguagem

Nossa língua é convencionada por meio de signos lingüísticos (significantes e significados) e é pela interação social que ganha vida, adquirindo movimento e flexibilidade.

Para Bakhtin (apud BRANDÃO, 2004, p. 10), a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, caracteriza-se pela pluralidade. Por isso, é o lugar privilegiado para a manifestação de ideologias: retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam com base em suas crenças e em sua cultura. Dialógica por natureza, a palavra transforma-se em arena de jogo, de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.

Falar, portanto, sobre o discurso “produzido” por Paulo Freire implica, necessariamente, falar de um discurso conscientemente, ou ideologicamente, dialógico, próprio de um espaço-tempo privilegiado para a construção da cidadania: a comunicação intra e interpessoal. Para entender esse discurso – a relação de sentidos entre “interlocutores” – é necessário desvelar o seu funcionamento na relação direta que guarda com o que lhe é interno e externo e que o constitui enquanto tal. Assim, além da necessária consideração dos aspectos que decorrem dos mecanismos sintáticos – pragmática – e das determinações semânticas – teoria do discurso –, é preciso conhecer também aqueles aspectos determinantes do seu funcionamento, que advêm das formações sociais e das condições de produção/reprodução do mesmo: o materialismo histórico e a ideologia; ou a concretude da vida e a cultura em torno da qual ela se inventa a si e aos homens que a criam.

Em outros termos, é preciso conhecer no *campo discursivo de referência* o seu *domínio* específico, que, neste caso, define-se como sendo o espaço possível do discurso pedagógico, produzido por um sujeito de uma faixa etária específica, num determinado período de tempo e num certo contexto social, que é o da reflexão. Torna-se importante para essas considerações a noção de campo discursivo apresentada por Freda Indursky como sendo “um campo discursivo de referência que se define como um tipo específico de discurso como, por exemplo, o discurso político, ou ainda o discurso político de um locutor específico” (1997, p. 46). O campo discursivo no interior do qual funciona o discurso freireano é o educacional praxiológico, e seu domínio específico é delimitado pelo espaço da reflexão.

Para um estudo da linguagem em Freire com base na análise do discurso – perspectiva com a qual trabalhamos aqui – conhecer e/ou apresentar o campo discursivo de referência e seu domínio torna-se uma exigência, porque é no interior dele que se configura o *corpus empírico*, que compreende uma totalidade, em termos gerais, das alocações passíveis de serem realizadas por determinados sujeitos dentro de um contexto social determinado. É deste *corpus* empírico, pois, que “tomamos” os recortes discursivos específicos a serem analisados. Por isso mesmo, faz parte daquilo que determina um discurso não apenas a história social no seu aspecto amplo, globalizado, mas também a história de cada indi-

víduo que nele se constitui em sujeito pela interpelação ideológica.

De alguma forma, portanto, também os “analistas”, “aqueles” que tomam para si a tarefa de interpretar as possibilidades semânticas e/ou polisêmicas, de desvelar os efeitos de sentido no discurso, estão nele implicados. Somos, no interior da cultura (letrada) em que nos constituímos como seres de linguagem, observadores implicados. Não podemos desconsiderar as influências, os atravessamentos, que nos interpelam no momento mesmo da análise.

Decorre da posição que ocupamos, enquanto pesquisadores, o interesse em trabalhar com o discurso deste pensador e da escolha por amostras da materialidade discursiva – no caso, recortes de texto escrito – que remetem a um estudo dos aspectos poéticos e poiéticos, não de outros, que seriam mais significativos para pesquisadores com interesses menos afinados com essas temáticas.

## A invenção do ser

Para compreender o professor e suas práticas educativas, Freire adota um instrumento simples, mas que se efetiva numa circularidade, numa operacionalidade complexa: o diálogo. Da mesma forma, para dizer ao mundo a compreensão que desenvolvia de si e do próprio mundo, lança mão de palavras simples, corriqueiras; mas as faz operar numa dinâmica circular (não linear), complexa, percebendo-as

como alimento do ser e do vir a ser. Assume a sua palavra e, com isso, vai se inventando como um educador dialógico, elevando a linguagem e o seu funcionamento à altura do operar da vida no cosmos.

O texto de Freire funciona como um elemento perturbador das linearidades, das tradições que impedem as pessoas de se perceberem como seres em evolução. Sua autoria, considerando-se a formação discursiva pedagógica em que se inscreve o discurso produzido, revela-se, ao mesmo tempo, crítica e acolhedora. Decorre de um constante questionamento, de uma curiosidade epistemológica e ontológica, tendo como pano de fundo perguntas cruciais à (co-)existência. A pedagogia da pergunta, essa necessidade constante de questionar e de questionar-se a si e ao mundo lembram as preocupações de Michel Pêcheux acerca do jogo dos sentidos e dos sujeitos históricos na constituição do discurso. Para compreender os processos constitutivos dos sujeitos na linguagem, Pêcheux vai perguntar: “Quem sou eu para te falar assim de onde estou? Quem é você para que eu te fale assim aonde estás? Quem é você para me falar assim aonde estou? Quem sou eu para que me fale assim de onde estás?” (1990, p. 83).

Além disso, a formação discursiva da qual se forma o discurso freireano vai ao encontro da definição proposta por Pêcheux, “[...] espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe

de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer [...], e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro [...]” (1995, p. 172).

Na linguagem freireana, essa proposta aparece como um jogo carregado com o sentido filosófico, de um lado, e, de outro, com a ludicidade do próprio pensar a si mesmo e ao semelhante-diferente na relação com o mundo. Para Freire, o *eu* se constitui pelo *tu* na medida em que se torna o *tu*, produzindo-se a si mesmo. Em suas palavras, o *eu*, cujo *dever só pode ser relacional, dialógico*,

*sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu –, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu* (2002, p. 165).

Clara Oliveira, por sua vez, vai pluralizar essas relações que desencadeiam a invenção-formação dos sujeitos sociais, a sua (trans)formação. Como Freire, ela destaca a importância da comunicação e mantém a diferença entre as pessoas – dois tu que se fazem dois eu – como uma “perturbação” necessária ao movimento, ao dever do ser na linguagem (da vida) no mundo. Em seus estudos, Clara procura “compreender como podemos aprender a relacionar-nos uns com os outros, assumindo as nossas diferenças e a elas recorrendo para co-construirmos comunicacionalmente variáveis de coexistência” (1999, p. 336).

Com essas considerações, queremos pensar a linguagem em Freire para além de qualquer teoria explicativa, ou metodologia de análise. Acreditamos que nenhuma identidade esgota a totalidade do ser. Sendo identificadora das suas origens e dos processos evolutivos em que se engendra, a linguagem freireana está repleta de elementos que o atualizam como autor. Incorporando-a como *praxis* ideológica e histórica, Freire alargou as compreensões dos processos cognitivos, tornando-se um dos poucos pensadores que defendem a presença e a significativa contribuição dos sentimentos – e sobretudo da sensibilidade e da intuição – na aprendizagem: tomadas de consciência. Para ele, os sentimentos “estimulam a aprender” e, “quanto mais formos capazes de aperfeiçoar, em nós mesmos, nossa sensibilidade, mais capazes seremos de conhecer com rigor” (1992, p. 219).

Profundamente arraigada à vida, a linguagem em Freire potencializa-se como espaço de uma permanente relação entre criação-conhecimento. Não se trata apenas da simples relação *homem x mundo = conhecimento*. Vinculada à concretude da vida através dos sentimentos, a palavra de Freire torna-se o seu próprio movimento: o ser que a vive ao pronunciar-se com ela. Essa característica da linguagem freireana supera a dicotomia sujeito-objeto, dialetizando-se como processualidade em sempre novas possibilidades de um *ser mais*.

A linguagem em Freire, desde uma perspectiva de observadores implicados, leva-nos a superar uma compreensão errônea da processualidade dialética. Ao aproximar, por meio do diálogo, o sujeito A com o B numa interação horizontalizada, Paulo Freire não está propondo uma mera solução de conflitos em que A e B perdem importância frente à síntese C. Seu texto, construído na perspectiva da complexidade dos sentidos, leva-nos além da linearidade e, mesmo, da circularidade dialética de uma relação de causa e efeito, em que temos a tese, a antítese e a síntese, tomando-se esta última como simples solução do conflito anterior.

Para Freire, a linguagem como síntese da problematização das relações do homem consigo mesmo e com o mundo não se esgota como um “tipo padronizado”, estático “de resposta” ou sentido. Na dialética proposta pelo diálogo freireano atualiza-se o ser. O ser não se faz único, tampouco unificado; surge, antes, como um novo desafio, um “problema” em permanente invenção.

As palavras de Paulo Freire estão “grávidas” da própria poética e da poética do ser em seu *dever* como “problematização”, como diferença, como “bifurcação” (KASTRUP, 1999, p. 118). “Sua pluralidade não é só em relação aos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder” (1992, p. 48). Assim, as

posições-sujeito no discurso freireano revelam-se mais como questionamentos, enquanto desafios à autocriação, presentificando-se continuamente.

## Abstract

This study presents a discussion on some of the plots that reveal the subject's production in Freire's texts, bringing it closer to a pragmatist approach and, at the same time, to discourse analysis. Analysis has shown that the language in Paulo Freire cannot be seen superficially as a synthesis of the problematization of man's relations with himself and with the world, as it cannot be exhausted as a “standardized kind”, static, with an “answer” or meaning. On the contrary, it has been noticed that in the dialectics proposed by Freire's dialogue, the being who lives in the language is updated. The being is not only nor unified; he rises, instead, as a new challenge to himself, a “problem” being constantly invented.

Key-words: language, discourse, subject, invention, dialogue.

## Referências

- AUTHIER-RÉVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: IEL/Unicamp, n. 19, p. 25-42, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Unesp-Hucitec, 1988.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CASTRO, Maria Fausta Pereira de. *O método e o dado no estudo da linguagem*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2002.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Unicamp, 1997.
- KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papyrus, 1999.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas/SP: Unicamp, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2004.